

Teoria *Queer* e *Men's Health*, um estudo de caso

Em seu livro “A cidade e a moda”, Maria do Carmo Teixeira Rainho cita os manuais de etiqueta e civilidade como meios de regulação, no século XIX, do modo como os cariocas deveriam se portar para que fossem, assim, considerados indivíduos da “boa sociedade”.

Remetendo-se aos dias de hoje, pode-se perceber a existência de publicações que exercem um papel similar àquele dos manuais. Nas livrarias, torna-se possível encontrar guias ensinando aos homens as diretrizes necessárias para adquirirem e serem classificados em um determinado rótulo. Um exemplo, o livro *The metrosexual guide of style: a handbook for the modern man*, do autor Michael Flocker.

As revistas de moda, estilo, beleza e bem-estar acabam exercendo influência parecida, pois apresentam, não de maneira autoritária, mas persuasiva ou “docilizante”, como a imagem e a aparência do homem contemporâneo deve ser.

Por essa razão, optou-se por trabalhar com a revista *Men's Health*, pelo seu caráter de manual de como ser um homem atual, em dia com a sua aparência. Ao longo das doze edições mensais de 2012, buscou-se verificar se a missão da publicação, bem como o seu público-alvo, são, de fato, aqueles comunicados em suas páginas, através das matérias, das imagens etc.

Essa verificação será feita a partir das ideias oferecidas pela teoria *queer*, estudo das ciências humanas que critica a hegemonia da heteronormatividade nas sociedades ocidentais.

4.1

Origem dos estudos de gênero

Contrariando a ideia de que as discussões sobre sexualidade só tiveram início no século XIX, FOUCAULT (1977) demonstra que sempre se falou sobre sexo.

De acordo com FOUCAULT, o que ocorre é que, a partir do século XIX, a sexualidade ganharia determinadas formas: passaria, pois, a se legitimar como única prática sexual aceita aquela realizada entre quatro paredes, com fins à reprodução. Em outras palavras, a heterossexual.

Ocorre, também, que a Psicologia e a Sociologia, ambas áreas surgidas no século XIX, deram atenção ao tema em questão (CAMARGO & FILHO, 2008), onde surgiram, ao mesmo tempo, os diversos “movimentos de contestação” (CAMARGO & FILHO, 2008, 79), como os grupos de militância (em especial os de militância *gay*). Os homossexuais, enquanto forma de subjetividade, maneira de ser e categoria de sujeitos já haviam surgido antes, no século XIX. Sendo assim, a militância *gay* se forma, paradoxalmente, como parte do próprio sistema contestado.

As feministas e suas teorias exerceram grande influência na construção dos estudos de gênero, corpo e identidade sexual. Foi graças às feministas anglo-saxãs que se passou a discutir as noções de gênero e sexo, onde, segundo as mesmas, o gênero seria a forma como a sexualidade era representada em determinada situação. “O conceito de gênero passa, então, a representar o modo como as características sexuais são representadas em determinado contexto social, cultural e histórico.” (Ibidem, 87).

4.2

Teoria *queer*

A teoria *queer* é uma abordagem que surgiu nos Estados Unidos, em meados dos anos 80.

O termo *queer*, que em tradução para o português tem o significado de ridículo, estranho e esquisito, era utilizado, de modo pejorativo, para se referir aos homossexuais, em especial aos masculinos.

Ironicamente, os pensadores da teoria *queer* se apropriaram do termo, não mais o considerando em seu aspecto marginalizado, mas sim atribuindo um novo sentido ao mesmo, enfatizando a possibilidade de um pensamento da diferença.

Em suma, a teoria *queer* incide diretamente nas questões relativas à normatização. Ela questiona, então, a normatividade de determinadas ideias e conceitos que se apresentam de modo binário, como a heterossexualidade e a homossexualidade, o masculino e o feminino, etc.

Dessa maneira, ela se apresenta como uma possibilidade de discutir eticamente as questões referidas, num tempo em que intenta fugir de normas socialmente aceitas e quiçá discriminatórias, dos binarismos construídos socialmente (...), entre outros. O normativo acaba por impor limites à subjetividade, enrijecendo identidades, entendidas pelo *Queer* como transitórias e dinâmicas. (TAVARES & FILHO, 2011, 1)

Segundo tal teoria, a uniformidade, quando convertida em norma, acaba por camuflar e ocultar as diferenças culturais e materiais de uma dada sociedade, interferindo, assim, nas práticas da mesma.

Credita-se aos teóricos pós-estruturalistas Jacques Derrida e, especialmente, Michel Foucault a base para a construção da teoria *queer*.

Diferentemente do pensamento cartesiano, o pós-estruturalismo concebe a identidade de um sujeito como sendo construída a partir da sua relação com o meio cultural e social no espaço onde se encontra inserido, operando sobre “nossos corpos de maneira incisiva e potente” (Ibidem, 80). Ele vai contra o cartesianismo e a ideia de sujeito cartesiano, pautado na razão e na verdade.

Não somente foi ampliado o domínio do que se podia dizer sobre o sexo e foram obrigados os homens a estendê-lo cada vez mais; (...) Censura sobre o sexo? **Pelo contrário** (grifo próprio), constituiu-se uma aparelhagem para produzir discursos sobre o sexo, cada vez mais discursos, susceptíveis de funcionar e de serem efeitos de sua própria economia. (FOUCAULT, 1988, 26)

Já a contribuição principal de DERRIDA se encontra no campo da desconstrução. Para o pensador, a sociedade ocidental tem suas leis baseadas a

partir da ideia de binarismos (homem e mulher, macho e fêmea, masculino e feminino, hetero e homossexual, etc.) que, segundo o mesmo, são os grandes responsáveis pela noção normativa implantada na sociedade.

Sendo assim, DERRIDA os critica e afirma que os mesmos devem ser desconstruídos, diferenciando, no entanto, desconstrução de eliminação. Nas palavras de FILHO & TAVARES (2009, 7), “desconstruir um discurso implica em minar, escavar, perturbar e subverter os termos que afirma e sobre os quais o próprio discurso se afirma”.

Dentro desse contexto do binarismo, um sujeito passa a saber, então, que é o *um* porque não é o *outro*! Em outras palavras, em uma sociedade heteronormativa, um homem sabe que é heterossexual porque não é homossexual, que passa a ser colocado como o outro, o oposto, o “não normal”.

A feminista contemporânea Judith Butler também ofereceu muito à teoria *queer*. Descendente das ideias pós-estruturalistas de FOUCAULT e DERRIDA, BUTLER critica o fato de que as estruturas fixas tenham significado, já que, segundo a teórica, os próprios significados são temporários e mutáveis, o que acaba gerando, assim, em sua concepção, uma aparente contradição.

Dessa forma, o gênero seria, para ela, o significado que se constrói a partir da repetição feita sobre os indivíduos e seus corpos. Em outras palavras, as normas regulatórias, para que sejam possíveis de se materializarem como tal, precisam ser ratificadas em seu discurso, de modo que se tornem concretas, afinal os corpos sexuais não se “calam” nunca.

A essa ideia, BUTLER deu o nome de teoria da performatividade e, a esses corpos marginalizados, que se lançam a um não conformismo às normas – ou seja, seus corpos não são passíveis de adaptação aos padrões heteronormativos da sociedade patriarcal –, ela chamou de “sujeitos abjetos”, que, ao fugir dessa normatividade, são colocados em uma posição marginal.

Desse modo, esses sujeitos passam a serem excomungados, demonizados, justamente por que são sujeitos que ousaram romper as normas sociais ao optarem por uma nova identidade ou por redescobrir uma identidade que lhes foi imposta, pois seus corpos, seus desejos e seus impulsos sexuais não se

encaixam nos padrões heteronormativos de nossa sociedade patriarcal. (CAMARGO & FILHO, 2008, 81)

4.3

Men's Health

4.3.1

Perfil

A *Men's Health* é a maior publicação do mundo com conteúdo voltado exclusivamente para o público masculino. De origem americana, ela está “presente em mais de 40 países, com 37 edições e 18 milhões de leitores”, segundo informa o *site* da Abril¹, a editora que a publica no Brasil.

A proposta da revista é a de ser um guia para o homem moderno, onde, através de suas páginas, seu assíduo leitor encontra dicas e informações a respeito de uma série de aspectos que fazem parte do seu dia-a-dia, permitindo-o ao cuidado e ao equilíbrio entre suas vidas pessoal e profissional.

Dentre os itens abordados pela *Men's Health*, pode-se citar corpo, beleza, moda, saúde, alimentação, sexo e carreira, dentre outros. Ou seja, ela contempla o *lifestyle* desse homem, oferecendo-se como uma alternativa didática para o bem-estar do mesmo.

De fato, esse é um perfil genérico, criado pela revista, para definir seu público-alvo, independentemente da nacionalidade dele – norte-americana, britânica, brasileira... No entanto, essa generalização pode vir a acarretar ruídos entre os públicos alvo e consumidor da mesma. Afinal de contas, quem é, no Brasil, esse homem moderno a quem a publicação se destina?

¹ Para mais informações, acessar <http://menshealth.abril.com.br/>

4.3.2

Quem é o homem *Men's Health*?

Conforme já citado, a *Men's Health* se propõe a comunicar o conteúdo da sua publicação ao homem moderno, que se preocupa com o bem-estar e busca uma vida saudável e ativa, garantida através de cuidados com a saúde, beleza, aparência, estilo e sexo.

Refletindo-o dessa forma, compreende-se que o discurso da revista gira em torno de um homem, em todos os sentidos, plural. Afinal, qual homem “moderno” não anseia pelas mesmas coisas – boa saúde, agradável aparência e bom estilo?!

Contudo, já nas primeiras páginas folheadas da publicação, torna-se possível identificar um ruído entre esse homem que a mesma declara como público-alvo, em seu perfil, e aquele que realmente pode ser encontrado ao longo das matérias da revista.

O homem *Men's Health* não é plural. De imediato, vê-se que o gênero masculino que é contemplado pela revista é o homem heterossexual. Isso fica evidente, praticamente, em todas as edições, dando margem a um questionamento quanto ao fato de que haja, talvez, certa insegurança por trás da autoestima do homem apresentado. O que se vê, no caso, é um esforço contínuo em provar essa sua heterossexualidade (*impressos 2 e 3*).

Nota-se, também, o uso de pronomes no feminino, no singular e no plural – ela/elas, dela/delas, a/prá ela/elas e etc. – como suposto par desse leitor, demarcando, então, que o leitor da publicação é heterossexual. Sendo assim, excluem-se os desejos de qualquer homem que não partilhe dessa identidade de gênero.

Sobre a questão da autoestima, outro fato curioso é que, na maioria das reportagens, sejam elas sobre alimentação, estilo ou *fitness*, há um movimento de se incentivar o leitor a nutrir hábitos saudáveis de alimentação ou a vestir-se bem, conforme ensina a cartilha da moda “heterossexual” (o estilo desse homem nunca deve deixar que sua identidade de gênero seja alvo de questionamentos) para que, dessa forma, esse homem construa uma boa imagem física diante da mulher, fazendo com que ele obtenha sucesso com ela e passe a despertar, assim, o desejo

na mesma. Então, fica a dúvida: estaria o homem cuidando de si, do seu corpo, da sua aparência e do seu bem-estar, em primeiro plano, para si, para sua satisfação pessoal ou, então, para a satisfação do outro (nesse caso, representado pelo sexo feminino)? O *impresso 4* (“Sol, mulheres em trajes mínimos, chefe longe – falta algo?”) permite observar tal evidência.

A respeito do ideal de mulher “*men’s health*”, assim como no caso masculino, elas não são plurais, ou seja, não se trata em afirmar qualquer tipo físico de mulher, mas sim aquela que é “gostosa” e “sarada” (*impressos 2 e 5*), assim como o tipo físico do homem que eles consideram em suas páginas, já que, mais uma vez, derruba-se a ideia de pluralidade. Afinal, ao homem *men’s health* só é permitido um estereótipo de corpo: aquele construído através da musculação. Em vários momentos, a publicação deteriora os tipos físicos que estão à margem dos sarados, e isso fica evidente através de termos que são, carinhosamente, associados a eles: “magrelos”, gordos, “panças” etc. Sendo assim, os magros, gordos e demais tipos físicos diferentes desse malhado não são contemplados pela revista (*impressos 6 e 7*).

Ainda sobre essa questão da heteronormatividade, como de praxe, ao longo das páginas da *Men’s Health* não há nada que contemple ou deixe margem a alguma relação com a homossexualidade. Por exemplo, ao longo das doze edições de 2012, talvez a única menção à palavra *gay* tenha acontecido no mês de julho. Mas, o *gay* em questão não era o homem das páginas da revista, tampouco um amigo seu da academia, do clube ou do trabalho, mas sim da mulher. Ou seja, no imaginário *Men’s Health* o homossexual não pertenceria ao mesmo contexto seu, somente ao do da sua “garota” (*impresso 8*). E mais: ainda sobre o *impresso 8*, há o fato do clichê acerca do *gay* como aquele a quem o universo *fashionista* é voltado.

No entanto, essa preocupação, de não abrir o espaço da revista àqueles que não pertencem ao grupo heterossexual, parece existir mais, principalmente, no que concerne aos homossexuais masculinos. Isso se evidencia, por exemplo, na edição do mês de abril, onde se pode suspeitar de uma inclinação à prática sexual onde duas mulheres participam, o que é algo que permeia a fantasia sexual da maior

parte dos homens heterossexuais: a permitida – e desejada – relação sexual entre/com duas mulheres.

Mesmo com um discurso não muito consistente com sua missão, QUEIROZ reconhece que a *Men's Health* é, ainda, uma das que mais tentam avançar no que se refere à exibição do corpo masculino. Nas palavras do autor, “esta continuará sendo uma das únicas revistas – excluindo títulos *gays* – a mostrar homens musculosos sem camisa nas capas” (2008, 11)

Entretanto, essa mesma iniciativa “inovadora” produz um efeito contrário à proposta inicial da publicação. Ou melhor, ao seu público-alvo. Porque, se ao longo das matérias da *Men's Health* fica evidenciado que a mesma é direcionada ao homem heterossexual, nem todos a veem da mesma maneira.

A editora Abril também é responsável pela publicação da *Women's Health*. A revista, voltada ao segmento feminino, já demonstra ter uma relação mais “aberta” no que se refere à existência de mais de dois gêneros – um masculino e um feminino. Isso pode ser evidenciado pela existência de uma coluna chamada “Pergunte ao amigo *gay*”, assinada pelo colunista Tony Goes. Esse é um espaço onde as mulheres podem enviar suas perguntas e comentários a um “imaginário” *gay*, que as publica em sua coluna.

Sobre o “amigo *gay*”, é interessante destacar que, em seu *blog* pessoal, usualmente Tony faz menção à revista *Women's Health* e a determinados assuntos que ele aborda na mesma. E, em alguns dessas suas postagens, o que se vê são internautas, homens, criticando a sua versão masculina, a *Men's Health*, afirmando que a mesma, na realidade, deveria assumir sua condição enquanto publicação voltada ao público *gay*, que seria, na verdade, quem consome a revista. Um deles, identificado como Daniel, comenta que “a Men's Health na verdade é Men's no armário Health. Hahahaha”.

No fórum do “Yahoo! Respostas?”, também é possível ver comentários sobre tal natureza, onde usuários se questionam a respeito do público-alvo da revista e várias respostas dão como certo o direcionamento da mesma aos homossexuais. Se não o direcionamento, então aquele que a consome. E, na maior parte dessas respostas, a justificativa é a massiva presença de corpos masculinos, ao longo da publicação, em trajes de banho ou mínimos, o que confronta a fala

supracitada de QUEIROZ. Ou seja, se a *Men's Health* avança com a exposição de corpos masculinos, esse se configura como o motivo de a mesma ser associada ao público *gay*.

Essa justificativa dos leitores acaba indo ao encontro do que QUEIROZ reflete, quando o mesmo se utiliza de uma fala de Jacques Lacan sobre a exposição do corpo masculino. Este afirmou, em seu “*La signification du phallus*”, que “toda virilidade que se põe à mostra é feminina” (2008: 55). A partir daí, QUEIROZ se questiona, então, se seria essa a razão para que somente as revistas segmentadas aos *gays* fizessem uso da nudez (ou a “seminudez”) na fotografia de moda masculina. Então, ele chega à conclusão de que o corpo masculino, quando exposto, dá origem a esse tipo de visão embaraçosa sobre a masculinidade. Nesse aspecto, deve-se considerar que a *Men's Health*, em oposição a isso, expõe o corpo masculino em suas capas e ao longo da publicação. Mas, naturalmente, as fotos mostram o corpo – ou parte dele – conquistado através dos exercícios de musculação, não de forma sexual e/ou erótica.

Alguns leitores até reconhecem alguma afinidade com os assuntos abordados pela revista, mas afirmam receio em consumi-la e/ou portá-la em público.

Esses são os principais norteadores do perfil de masculinidade enunciado pela revista, onde essa noção de bem-estar e realização profissional, pessoal e estética parece estar muito mais condicionada ao outro, à forma como a pessoa supostamente “significativa” para o leitor – nesse caso, evidentemente a mulher (de preferência, se for no plural) e, em menor escala, o chefe do trabalho – o conceberá.

4.4

Conclusão

Ao se analisar a sociedade ocidental – e, no caso específico do presente artigo, a brasileira – à luz da teoria *queer*, percebe-se que ela funciona com base em binarismos, onde resquícios do patriarcalismo são perceptíveis. Dessa forma, a sociedade ocidental opera, principalmente, a partir dos binarismos

masculino/feminino e heterossexual/homossexual, onde as primeiras opções prevalecem sobre as segundas. Ou seja, nossas leis, hábitos e regras funcionam a partir de uma ideia de heteronormatização.

Por meio dos estudos pós-estruturalistas e *queer*, torna-se possível compreender que, no caso em questão, a masculinidade não é uma determinação biológica, mas sim uma construção dada pelos meios social e cultural em que o indivíduo se encontra inserido. E que, por isso, ela vai variar de uma sociedade para outra.

A revista *Men's Health*, por exemplo, afirma uma identidade masculina que, contraditoriamente, não consegue ser sustentada pelo conteúdo apresentado em suas páginas. E, essa contradição toda pode ser observada, declaradamente, quando a revista convida os homens a um novo posicionamento em relação à sua aparência, aos seus hábitos de consumo e à sua postura em sociedade, demonstrando que o traço masculino originado da sociedade patriarcal já não faz mais efeito (*impresso 10*). Mas, ao mesmo tempo em que adota tal postura, a revista reforça que “seus” homens não precisam se preocupar ou temer as opiniões emitidas por terceiros, afinal, nas palavras do editor da mesma, “você (leitor)... sabe o que é (macho), o que quer (mulheres, grana, diversão, cultura, saúde) e como chegar lá (com um corpo forte, determinação, conhecimento, equilíbrio e estilo)...”. Ou seja, esses valores são ratificados, a todo o momento, deixando transparecer, ainda, certas insegurança e discordância entre o que é dito e o que, de fato, comprova-se na publicação, legitimando-se, dessa forma, apenas uma condição de masculinidade (*impressos 11, 12, 13 e 14*).

Dessa forma, com relação ao real perfil de homem defendido na revista *Men's Health*, pode-se concluir que “ele” é o único pronome existente no que diz respeito à masculinidade.